

## Quando os jovens ganham voz: Percurso de uma investigação-acção<sup>1</sup>

Raquel Pacheco

**Resumo:** Este artigo apresenta o trabalho de investigação-acção desenvolvido durante a tese de mestrado *Quando jovens ganham voz. Uma pesquisa etnográfica sobre media e culturas juvenis*. O projecto foi realizado com jovens de uma escola secundária situada dentro da zona urbana de Lisboa e enquadra-se na linha de orientação do Projecto *Crianças e Jovens em Notícia* que procura identificar, compreender e analisar os modos e formas de recepção de crianças e jovens em relação aos media. Assim, o objectivo desta investigação foi perceber a visão destes jovens, como eles se vêem e pensam ser vistos pela sociedade (o que inclui o cinema, os media, etc.) da qual fazem parte. Para isso, trabalhamos conceitos como violência e cidadania. A partir da exibição dos filmes *Zona J* e *Cidade de Deus* foram realizados debates em grupo, onde trabalhamos esses temas de acordo com a realidade e o dia a dia destes jovens. Foi utilizado como ferramenta de registo de pesquisa (por parte da investigadora) um diário de bordo retratando os encontros. A filosofia deste trabalho de campo baseia-se na pedagogia dialéctica de Paulo Freire. É através do diálogo problematizante desenvolvido principalmente após a exibição dos filmes, nas aulas e nos encontros de uma maneira geral, que pretendíamos estimular o questionamento e a problematização e a partir de questões, opiniões e ideias realizar um vídeo onde estes rapazes foram os protagonistas, tanto no processo de idealização (pré-produção), como no processo de produção/execução e pós-produção (edição, música, etc.). O vídeo realizado é um documentário de 28 minutos, composto basicamente por depoimentos de vários jovens (alguns alunos da turma, outros alunos da escola e também de fora desta) e tem como objectivo ser um veículo para que estes jovens ganhem voz, contem a sua versão da história e sejam protagonistas do seu próprio filme, da sua própria história de vida. A metodologia utilizada, os acertos, (des)acertos e resultados obtidos através desta investigação serão relatados nesta comunicação.

**Palavras-chave:** culturas juvenis, cinema e educação, educação para os media, literacia mediática

---

<sup>1</sup> Pacheco, Raquel (2009). Quando os Jovens Ganham Voz: Percursos de Uma Investigação-Acção. In *Crianças e Jovens em Notícia*, coord. Cristina Ponte, 1ª ed., Lisboa : Livros Horizonte, p. 204-220, ISBN 9789722416573.

Este artigo faz parte do projeto de investigação *Crianças e Jovens em Notícia*, financiado pela Fundação de Ciência e Tecnologia (POCI/COM/60020/2004).

## Introdução

“O fenômeno da *exclusão social* dos jovens – incluindo todas as suas correlativas manifestações de «desenquadramento social» - tem adquirido uma relevância pública cuja ressonância principal é a ideia de que os jovens vivem situações crescentes de *risco*. Riscos múltiplos que se associam a condições precárias de vida, novas formas de vivência e experimentação sexual, manifestações diversas de intolerância (racismo, violência, etc.), apelos consumistas geradores de «pânico social» (nomeadamente com o consumo crescente de drogas, mais ou menos «ilícitas»), condutas e culturas «rebeldes», lazeres marcados por «excessos» e «transgressões», etc.” (Machado Pais, 2005:13)

O aumento nas estatísticas de situações de violência envolvendo crianças e jovens e o estigma que os leva na maioria dos casos, principalmente quando em situações de risco e abandono, a passar da posição de vítimas a vilões sociais, são os pressupostos básicos que motivam a realização desta pesquisa.

Utilizamos o cinema como meio para a reflexão sobre a violência, cidadania e juventude. O cinema contemporâneo tem-nos mostrado com uma frequência cada vez maior uma parcela da sociedade que muitas vezes desconhecemos. Filmes como o brasileiro *Cidade de Deus*, o português *Zona J*, o sul africano *Wooden Camera* e o venezuelano *Huelepega, ley de la Calle* apresentam-nos, através da ficção, a realidade de crianças e jovens que vivem a mesma situação de risco, o que inclui, exclusão, violência e abandono. Será esta uma coincidência (o que não acreditamos) ou uma realidade advinda desta sociedade industrial moderna e globalizada?

A nossa intenção foi, por um lado, tentar perceber através destes filmes, o movimento que está acontecendo quando o cinema de ficção vai buscar através da temática da realidade de crianças e jovens pobres e excluídos trazendo a vida destes jovens para o ecrã; por outro lado, a visão que os jovens têm destes filmes e utilizar o cinema como meio para que eles se pudessem sentir estimulados para externalizar o que pensam, sentem e vêem. Através da educação *para, com e sobre* os media, utilizando os conceitos de comunicação, educação e participação, trabalhamos questões sobre cidadania, auto-estima e outras temáticas que fazem parte do dia a dia dos jovens.

## **Metodologia**

A ideia desta investigação era que os jovens produzissem seus próprios materiais e, para isso, precisávamos trabalhar com um grupo de jovens com idade acima dos dezesseis anos, pois esta é a idade referente à censura dos filmes que usamos como material base para o desenvolvimento do trabalho. A escolha da turma que iríamos trabalhar ficou a cargo da direcção da escola.

Foi escolhida uma turma do Curso de Informática por se *“considerar estes jovens com um certo grau de maturidade, por poder enquadrar o projecto nas aulas da disciplina de Cidadania e por acreditar que como os alunos eram do curso de informática, teriam mais aptidão para trabalhar com vídeo”*.

A turma inscrita na disciplina de Cidadania era composta por 17 rapazes, dos 17 aos 22 anos de idade. O projecto teve uma duração de cinco meses e a princípio iria decorrer durante os 45 minutos da aula de Cidadania. Com o passar do tempo, fomos utilizando horários de outras aulas/disciplinas, dos intervalos e às vezes, com consentimento dos alunos, até o horário do almoço era ocupado para a realização do trabalho.

A professora de Cidadania e o professor que daria as aulas técnicas (som e vídeo), também participariam de certa forma no projecto. Foram necessárias duas reuniões com a direcção da escola e os professores envolvidos para que decidíssemos os pormenores da relação do projecto com a escola, definirmos calendários, actividades e para que o projecto fosse claramente compreendido por todos.

### **Observação descritiva – primeira fase**

Na primeira fase do trabalho, a qual chamaremos de observação descritiva foram realizadas duas reuniões na escola. No momento da primeira reunião, iniciamos o nosso método principal de recolha de dados, chamado de material *off-stage*; o diário de bordo, baseado no método de pesquisa etnográfica foi a principal “ferramenta” deste trabalho de campo, permitiu-nos captar um vasto material durante os momentos que passamos na escola.

Ainda na fase da observação descritiva foi realizado o nosso primeiro encontro com os jovens. Utilizamos esta primeira aula para apresentação do projecto ao grupo e apresentação do grupo “ao projecto”. Tanto esta aula, como todas as outras

aulas/encontros foram baseadas, como dissemos anteriormente, no método da pedagogia dialéctica.

A partir da aula de apresentação iniciamos o processo de observação participante. Notas dos diálogos durante a pesquisa, notas das cenas e episódios e recolha de material escrito pelos alunos foram obtidos neste encontro. Os primeiros encontros foram caracterizados como o início da abordagem, a fase para criarmos vínculos, desenvolvermos a confiança mútua, estabelecermos alianças e analisarmos o território ou campo da pesquisa.

No segundo encontro com os jovens, ficamos a observar a aula da professora de Cidadania e as atitudes, gestos, reacções e discursos dos alunos, além da dinâmica da turma de uma maneira geral. Recolhemos material fornecido pela professora aos alunos, no formato de texto jornalístico.

O terceiro e quarto encontros com os jovens foi realizar as entrevistas aos próprios jovens. O método utilizado foi entrevistá-los individualmente para conhecermos melhor cada aluno e traçarmos um quadro de caracterização de cada um e da turma como um todo. Impressões e ideias do investigador durante as entrevistas foram utilizadas como modo de complementar aquilo que os entrevistados não diziam com palavras.

### **Observação focada – segunda fase**

Na segunda fase, que chamaremos de observação focada foram realizados cinco encontros. O primeiro encontro foi a exibição do filme brasileiro *Cidade de Deus*. Após o filme desenvolvemos um debate (não sentimos a turma à vontade, quando nos propusemos gravar o debate; por isso, não o fizemos neste momento por acharmos que qualquer atitude precipitada poderia comprometer o resultado final do projecto) utilizando o filme como ponto de partida para que a partir dele os próprios alunos se aproximassem cada vez mais das suas realidades e contextos de vida.

No segundo encontro foi exibido o filme português *Zona J*, seguido por um debate entre os alunos, a proposta para a gravação deste segundo debate teve a adesão de toda a turma de forma mais natural. Neste encontro e a pedido dos alunos exibimos também o documentário brasileiro *Falcão, meninos do tráfico*, comentamos e os jovens mostraram interesse em tê-lo visionado. Durante a tarde foi realizada a

aula/debate com o realizador do filme *Zona J*, Leonel Vieira, o áudio desta aula/debate foi digitalmente gravado.

No terceiro encontro, antes da aula foi realizada uma entrevista com a professora de Cidadania. Iniciamos a aula aplicando um questionário aos alunos sobre violência. Após todos responderem ao questionário, falamos sobre produção de filme e iniciamos a pré-produção do vídeo com a formação da equipa de filmagem e as diversas tarefas a realizar.

Com o decorrer do trabalho de investigação-acção fomos sentindo cada vez mais necessidade de contactos mais longos com a turma. Passamos a utilizar horários de outras aulas/disciplinas e algumas vezes fomos mais de uma vez por semana à escola. Foi exactamente isso que aconteceu com o quarto encontro. Neste encontro, que não estava planeado no calendário, entrevistamos o professor responsável pelas aulas técnicas e terminamos a distribuição de tarefas na equipa de filmagem.

No quinto encontro, iniciamos a construção do guião para o vídeo e no sexto, o guião foi finalizado. Ressaltamos que o trabalho do guião foi desenvolvido em conjunto por toda a turma baseado no que havíamos trabalhado-reflectido-pensado-questionado nos encontros anteriores.

### **Observação selectiva – terceira fase**

Na terceira fase a que chamaremos de observação selectiva, foi a fase mais prática do projecto, onde estávamos de facto focados para a preparação e realização do vídeo.

Com o passar do tempo, os encontros e todos os processos metodológicos utilizados, os alunos encontravam-se mais preparados e “maduros” para falarem sobre questões relacionadas consigo próprios e sobre a juventude da qual fazem parte. Tanto o investigador como os investigados estavam numa fase analítica, onde todo o processo desenvolvido até então, diálogos, problemas e questões, tomavam forma nesta fase e as ideias começavam a surgir juntamente com o desejo da acção efectiva.

A equipa de som e de câmara juntamente com os realizadores tiveram duas aulas técnicas (cada equipa) para aprenderem a trabalhar com os respectivos equipamentos. As demais equipas desenvolveram tarefas referentes às suas funções

no processo de preparação para as filmagens do vídeo. Nesta altura, a investigadora teve o papel de coordenar todas as equipas, preparar equipamentos e obter apoios.

Terminada a pré-produção, foram marcados os dias de filmagem, dois dias de filmagens dentro da escola e um dia no exterior. Nesta fase do projecto as entrevistas realizadas foram feitas através de vídeo, agora, não mais pela investigadora, mas pelos alunos/investigados.

Durante todo o processo os alunos construíram seu próprio conhecimento e a etapa de realização do vídeo possibilitou que eles tornassem público e expressassem esse conhecimento. Todo o processo foi orientado pela investigadora que ia referindo os passos que precisavam ser feitos, entretanto, tudo era pensado e executado pelos alunos.

As equipas de filmagem foram divididas pelos próprios alunos e cada um escolheu o papel que acreditava encaixar-se melhor, ou que mais lhe agradava. Segue abaixo a divisão das equipas seguida de suas respectivas tarefas:

- Realizadores: dois alunos; estes participaram de todas as aulas técnicas. Participaram de perto em todo o trabalho de todas as equipas. Seleccionaram com a equipa de pesquisa de campo as pessoas que seriam entrevistadas. Fizeram grande parte das perguntas durante as filmagens e coordenaram todo o processo de filmagem.
- Pesquisa de campo: um aluno (que também participou da equipa de som), este juntamente com os realizadores seleccionou os entrevistados.
- Equipa de câmara: quatro alunos; escolheram com os realizadores os melhores ângulos e enquadramentos de filmagem além das posições onde colocar a câmara. Operaram a câmara durante os três dias de filmagem e eram os responsáveis por ela.
- Equipa de som e música: três alunos, escolherem as músicas para o documentário. Durante as filmagens foram responsáveis pelo áudio do vídeo (microfones, ruídos, etc.) e cuidaram do som na edição.
- Equipa de produção: cinco alunos, prepararam as autorizações de imagem, cartazes de aviso de filmagem, autorizações na escola, contacto com o

restaurante que iria fornecer o almoço para os dias de filmagem, responsáveis por cafés e águas no *set*, fotocópias, etc.

- Entrevistadores: dois alunos, estes foram os responsáveis oficiais por fazerem as perguntas aos entrevistados.
- Edição: um aluno, responsável pela edição e finalização do vídeo. Nesta fase os realizadores também estiveram presentes.

A nossa ideia foi transformar o processo de realização do vídeo o mais próximo possível de um processo profissional, para isso tentamos assegurar um bom equipamento de filmagem, apoio para almoço, café e água, cobertura mediática (o programa PICA, da RTP2 fez uma espécie de *making of* das filmagens) e principalmente respeitar a autonomia de cada equipa.

### **Sobre a escola**

A Escola Secundária PM é uma escola com uma *“população escolar com bastantes problemas”*, como nos disse o Director Pedagógico na sua entrevista. A turma com a qual trabalhamos era da área de informática e composta apenas por rapazes. A ausência de raparigas fez com que o projecto fosse *“virando-se”* naturalmente para o universo masculino.

Os assuntos abordados ao longo desta investigação-acção foi muito mais de carácter masculino, com suas opiniões e modos operantes. Fica claro que os alunos que constituem a PM são na sua maioria alunos com um percurso de insucesso escolar e quando pedimos para o Director definir o perfil dos alunos da escola ele responde: *“É muito difícil definir os alunos, pois correspondem a um grupo muito heterogéneo. Temos um padrão de aluno que atravessa todas as turmas que não tem grandes perspectivas, algumas dificuldades sócio-económicas, falta de hábitos de trabalho. Há alunos fracos que se esforçam e alunos desinteressados que estão na escola como espaço de convívio.”*

### **No campo com os jovens**

*“Me apresentei, apresentei o projecto, falei sobre a importância deles estarem, realmente, disponíveis para aquele trabalho. Falei sobre o protagonismo deles*

em todas as etapas de produção e execução do vídeo e sobre a necessidade de um respeito mútuo.” (Nota do Diário de Campo)

O primeiro encontro foi marcado por muita desconfiança, “no início, seus rostos eram de desinteresse, como se esta não passasse de mais uma atividade, entre tantas outras, que não os interessava. Depois o olhar era de desconfiança, será que alguém ali era capaz de dar voz a eles? E então, percebi que o silêncio tornou-se geral e que suas mentes pensavam sobre aquela proposta e seus rostos, finalmente, começaram a realçar um interesse e vislumbrar (quem sabe?) uma oportunidade.” (Nota do Diário de Campo)

A nossa percepção sobre este assunto foi confirmada mais tarde com o resultado das entrevistas finais que foram realizadas após a exibição do vídeo na escola, segue abaixo alguns excertos acerca do que os rapazes pensaram do projecto nos primeiros encontros:

“No início foi assim uma brincadeira, não tinha levado a sério, depois comecei a assumir as minhas responsabilidades e em seguida quis fazer o vídeo até ao fim. Estou contente e feliz pelo que desenvolvi e por termos conseguido alcançar nossos objectivos. Não sabia o que era, não estava à espera que fosse algo para a gente desenvolver tanto. Não estava à espera.” (Nuno)

“Uma coisa menos, mais ligeira, menos trabalhosa, que não fosse levada tanto a sério.” (Samuel)

“Não esperava que resultasse tão bem. Achava que iria dar mais confusão e não organizar tão bem as coisas.” (António)

“Não me interessei no projecto por uma coisa: achei que fosse ser secante.” (Guilherme)

“Achei que era um bom tema, mas achei que o trabalho era como os outros e não me empenhei. Gostei do que vi na televisão e no vídeo e achei que podia ter dado um contributo maior. Uma vontade de ter me empenhado mais.” (Jorge)

Acreditavam ser mais um projecto da escola, algo que não os interessaria, alguma actividade monótona como as aulas que costumam assistir, onde o professor “deposita” a matéria e eles “recebem” este conteúdo sem questionar, sem dialogar e sem participar. E a investigadora era mais uma pessoa que estava ali para “tomar-lhes” o tempo com coisas desinteressantes.

Essa foi uma grande dificuldade para o desenvolvimento do projecto. Provar para aqueles jovens que o projecto não pertencia à escola, apesar de ser desenvolvido dentro dela; provar que nós não estávamos ali com a postura de um professor ou um doutor. Mostrar as reais intenções daquele projecto que estávamos propondo executar, foi uma tarefa bem difícil. O ambiente escolar influenciou muito negativamente o desenrolar do projecto. Apesar de acreditar ser a escola o espaço mais adequado para o trabalho que queríamos desenvolver, aquela escola, naquele formato (o ambiente de censura, desrespeito, desinteresse etc.), com certeza foi um obstáculo para a nossa investigação.

Com o avançar dos encontros, os alunos foram adquirindo pouco a pouco confiança e interesse pelo projecto. Uns antes outros depois, cada um a seu tempo, foram-se interessando pelos encontros, pela proposta de trabalho.

“Fica claro, através do que dizem e pelo modo como agem que sentem-se sem voz diante da sociedade, que são excluídos e esquecidos. Todo o processo do projecto e a realização do vídeo, é visto como uma oportunidade para lidar e trabalhar essas angústias e frustrações e principalmente para trazer à tona assuntos considerados «tabus» e que não são debatidos com frequência e nem profundidade.” (Nota do Diário de Campo)

No contexto do desenvolvimento deste projecto, ambos os sujeitos do processo, dialogaram sobre e analisaram criticamente a realidade, situação ou problema (objecto do conhecimento), explicitaram suas percepções e interpretações sobre o tema, ou temas, em discussão.

Mas nem sempre esse processo é internalizado pelos jovens e ficou clara a diferença entre “nós” e os “outros”. Quando aplicamos o questionário sobre violência que era o tema principal da nossa investigação, eles não se reconheciam fazendo parte de nenhum contexto de violência. Eram sempre “os outros” que eram violentos, que

tinham problemas com a violência em casa, etc. Na hora de definir o significado de violência todos entendiam que violência poderia ser uma agressão física ou verbal e alguns também falaram da psicológica.

“Violência para mim não está só na agressão mas também nas palavras.” (José)

“É o acto provocado pelas rivalidades e discordância entre as pessoas. Na minha opinião nem sequer devia existir, porque só causa dor e sofrimento entre as pessoas.” (Cristiano)

“Para mim é algo que possa magoar as pessoas física e psicologicamente.” (Jorge)

É quando uma pessoa quebra certos limites e começa a fazer acções hostis, desde a linguagem até o confronto físico entre o agressor e a vítima. (Julio)”

O ponto de viragem desta investigação é marcado pelos episódios quando os jovens começam a sentir o projecto. Após os primeiros encontros, as entrevistas, começamos o trabalho de assistir e debater os filmes, a sessão com o realizador do *Zona J*, Leonel Vieira, a preparação do vídeo, o guião, etc.

É certo que qualquer terreno, qualquer paisagem, se apresenta, à primeira vista, como uma desordem imensa que nos deixa à vontade para escolhermos o sentido que quisermos dar-lhe (Pais, 2003:90). Seguindo esta afirmação de Machado Pais, foi neste momento do projecto que os alunos começaram a acrescentar suas contribuições, construindo junto com a coordenadora o desenrolar das aulas, ou melhor, dos encontros.

A concepção de educação utilizada no contexto desta pesquisa empírica não pretendeu “educar” mediante mera transmissão, ou simples difusão. Baseamos-nos no paradigma de que o conhecimento se gera ou se recria no diálogo ou na comunicação entre sujeitos, desaparecendo a relação tradicional educador/aluno. Ambos fomos educadores/educandos simultaneamente, educando-nos reciprocamente no processo de relacionamento humano, no debate, na problematização, na acção criadora e na busca conjunta de soluções para os problemas da realidade que desejávamos transformar.

Enquanto o *Cidade de Deus* causou uma discussão mais “distante” e fora da realidade daqueles jovens “portugueses”, o *Zona J* tocou em alguns pontos que realmente fizeram bastante sentido para eles e contribuiu para uma discussão mais voltada para a realidade do dia a dia daqueles jovens.

“Uma coisa que reparei é que nesta turma e mesmo aqui na escola, o grupo dos pretos e o grupo dos brancos quase não se misturam. Comecei a chamar assim, quando percebi que na turma eram os pretos para um lado e os brancos para o outro, aí comecei a ter que nomear assim “brancos” e “negros”. (Nota do Diário de Campo)

Através do diálogo, “instrumento” básico desta “comunicação”, partimos do particular ao geral, do individual ao coletivo, do percebido ao não percebido, do simples ao complexo, permitindo a abordagem das situações particulares, individuais, imediatas, percebidas num contexto social, económico e político mais amplo. Assim, os alunos puderam entender, compreender e reflectir, de certa forma, a realidade global, com seus reais problemas e suas causas mais profundas.

“Acordamos saímos da porta para fora, está ali toda gente, a volta da fogueira, a pé, estão a rir, vão fumar, depois vão almoçar na casa de um, vão jogar Playstation, depois vão para a rua, falam-se ao telemóvel, vão sair à noite... dá vontade de fazer mais alguma coisa? – fala Rafael.” (Nota do Diário de Campo)

### **Ver e ser visto, ouvir e ser ouvido**

David Buckingham destaca a importância da audiência e como a percepção de uma audiência real pode ajudar os jovens a conceptualizarem o produto terminado e avaliarem o seu próprio trabalho. Percebemos esta afirmação quando assistimos a mudança de comportamento em alguns membros da turma quando souberam que um programa de televisão (PICA, RTP2) iria fazer o *making of* de um dia de gravação do vídeo e este apareceria na televisão.

“Não esperava assim nada que passasse na televisão, que tivesse uma importância tão grande, pensei que fosse um trabalho normal.”(Jorge)

“Teve um bom resultado, tanto para quem participou como para quem vai assistir. Acho que vai dar uma boa imagem.” (Antonio)”

Outro dado importante que contribuiu para que os alunos acreditassem mais no projecto foi a presença do realizador Leonel Vieira. Depois de assistirem ao *Zona J*, os alunos debateram o filme entre si e mais tarde puderam conversar sobre o filme com o próprio realizador. Leonel Vieira falou sobre como foi fazer o filme, os processos de produção, etc. Os alunos puderam trocar ideias, expor suas dúvidas e opiniões diretamente com o realizador.

“Chega a turma, todos vêm cumprimentar Leonel que está sentado na cadeira. Dão a mão, um por um, muito simpático. Leonel retribui fazendo comentários e sendo também simpático. Manuel entra, cumprimenta Leonel e diz que não gostou da segunda parte do filme. Fico sem graça, mas Leonel diz que é um acto de inteligência do Manuel, que tinha sido o produtor que o tinha obrigado a fazer aquele final e que ele também não tinha gostado. Para mim o final seria outro. – diz Leonel.

Foi um acto antes de tudo de coragem da parte do Manuel. Complementei e disse ao Leonel que tínhamos feito um debate sobre o filme após a exibição e que tínhamos achado que o filme tinha mudado o estilo da metade para o final e que parecia um grande drama nesta segunda parte.” (Nota do Diário de Campo)

Podemos considerar que foi no dia que dividimos a turma em equipas de filmagem que realmente aqueles jovens deram conta que de facto iam fazer um vídeo a sério. Foi nesta fase do projecto que os jovens finalmente tiveram a sensação de *empowering*, ou seja, conseguiram apropriar-se do projecto. A escolha dos papéis que queriam desempenhar, a importância de cada papel, de cada escolha... e depois a escolha dos tópicos para o guião, tudo isso deu poder aos rapazes. Decidir o que fazer do vídeo e como fazê-lo transformava aquela turma numa turma especial. Tornaram-se “vedetas” na escola.

Decidimos em conjunto, sempre com a coordenação e as sugestões da investigadora, o desenrolar do vídeo. O que seria, como seria feito e porque faríamos,

foram assuntos que pensados em conjunto tornou o grupo mais coeso e mais confiante na capacidade de realizar a tarefa que queríamos.

Um grupo tinha que escolher pessoas dentro da escola para serem entrevistadas, outro grupo fazia a parte “burocrática” do vídeo (a produção), outros tinham que ir para as aulas técnicas de som e câmara. Foram momentos de preparação que seguiriam os três grandes dias, os dias de filmagem. Nesta altura já não viam mais a investigadora como uma professora ou uma doutora, já a viam como uma companheira de trabalho, uma colaboradora, uma educadora. Trocávamos *e-mails*, telefonemas e mensagens como uma verdadeira equipa de filmagem. A postura dos alunos era de muita responsabilidade, eles sabiam o que queriam e porque estavam fazendo aquilo. Havia uma confiança mútua, principalmente entre os próprios membros do grupo. Estávamos todos mais próximos e tínhamos uma só linguagem.

Neste tipo de acção supõe-se que o educador tenha como base o “saber académico” e que os educandos tenham um saber adquirido através da socialização e da sua própria experiência de vida. São dois saberes distintos, mas não essencialmente opostos. O “saber académico” ao confrontar-se com o “saber popular”, não objectivará dominá-lo ou a ele se impôr. Só assim ambos os sujeitos do processo educativo terão oportunidade de crescer, de se desenvolver como profissionais, como trabalhadores, como seres humanos e como membros de sua comunidade e da sociedade global.

Para isso, o processo desta pesquisa teve a participação efectiva dos alunos que representaram seus interesses num constante debate onde puderam crescer mutuamente desenvolvendo suas capacidades críticas a respeito da realidade, voltando-se para acções transformadoras. O que neste caso, mais especificamente, diríamos ser a realização do filme documentário.

“Eu: Quero que vocês pensem sobre a imagem que vocês querem passar e ver, dos jovens de Portugal, no vídeo.” (Nota do Diário de Campo)

### **Realização do filme**

Após muitos debates, discussões, encontros e desencontros, lá estávamos nós “prontos” para finalmente irmos realizar o documentário. Na verdade, todos sabíamos

das nossas dificuldades e limitações, o próprio professor Rodrigo disse em sua entrevista que “*se for como de costume,*” o projecto, “*vai ficar ao meio*” e depois complementou “*mas não pode...*”. Rodrigo confessou-nos, logo assim que conversamos sobre a proposta do projecto, que nunca tinha conseguido terminar um vídeo na PM.

Percebíamos que nem todos os membros do projecto tiveram o mesmo *empowering*. Paulo, um aluno da turma disse-nos na entrevista final que participar no projecto não tinha feito a menor diferença para ele: “Não. Não me fez diferença. Participar ou não participar não fez a menor diferença.”

Durante a maior parte do processo do projecto, Paulo agia muito mais como um espectador dos acontecimentos do que como alguém que estava a participar e fazer parte do processo em si. Percebemos que esta era a postura deste rapaz diante da escola, do grupo e da vida de uma maneira geral. Tivemos esta percepção durante o tempo que estivemos a conviver com ele e pudemos observar essa característica mais profundamente nas entrevistas, nas repostas que ele dava durante as conversas, etc.

Mas a maioria dos rapazes estavam integrados, muito participativos e interessados, percebíamos que se sentiam parte do projecto e tinham consciência da importância de seus protagonismos.

Na manhã do primeiro dia de filmagem estávamos todos sem saber por onde começar. O desejo de ter voz estaria realmente internalizado naqueles rapazes? Afinal queriam ou não queriam ter voz? Necessitavam aqueles jovens, de facto, de terem voz?

Neste sentido, percebemos que a maior parte daqueles jovens nunca tinham pensado sobre este assunto. Não sabiam que podiam ter voz, ou que tinham direito a isso. Como nunca pensaram sobre o assunto, ter voz ou não ter voz, definitivamente não fazia parte das suas listas de desejo (pelo menos para o grupo dos brancos, com as duas excepções). O grupo dos negros já haviam deixado claro durante todo aquele trabalho que se sentiam sem voz e que queriam tê-la, por este motivo que provavelmente os negros faziam parte de grupos de *hip hop*, escreviam poesia e faziam *rap*.

Dar voz aos jovens, ouvir suas opiniões, saber se devem ou não ser ouvidos, se têm ou não direito a ter direitos, são assuntos que não são debatidos normalmente na

televisão, pelo menos não nos programas a que eles assistem. Não é debatido na Internet, pelo menos não nos sites por onde eles navegam. Não é assunto escolar. Este debate não chega até aos jovens, muito menos até aos jovens das classes socioeconómicas destes que participaram nesta investigação.

Ter voz, era algo novo para eles. Tirando os nossos encontros, poucos deles tinham parado para pensar sobre esse assunto em outra oportunidade. Não podemos fazer com que uma pessoa sinta necessidade ou falta de algo que não conhece, que não sabe nem que existe.

Nas primeiras horas da nossa estreia como equipa de filmagem foi um duro processo de adaptação. Aqueles rapazes nunca tinham passado por aquela experiência antes, estavam a representar papéis que conheceram durante os encontros do projecto. Uns demoraram mais que outros para entrarem de facto nos seus papéis. As coisas não fluíram com tanta facilidade como a princípio fantasiávamos que fosse acontecer. O que queremos dizer é que questões como o que perguntar?; o que de facto queremos saber e falar?; sobre o que estamos falando?; que imagem nós queremos construir através deste veículo que chamamos de filme? estavam presentes, vivas e ecoavam nos diálogos entre o grupo na manhã do primeiro dia de filmagem. O conteúdo e a abordagem do documentário surgiram com muito mais dificuldade que a representação dos papéis que cada um estava representando.

Mas com o passar do dia tudo foi se organizando e arrumando, já havíamos falado exaustivamente sobre como seria aquela experiência, todos tinham sanado suas dúvidas e as outras muitas dúvidas que ainda haviam, conversávamos durante as filmagens. Para nossa surpresa aqueles jovens foram-se encaixando nos seus papéis ou os papéis se foram encaixando nos jovens.

A equipa de câmara escolhia com os realizadores a melhor posição para a câmara, a equipa ficava em torno dela arrumando, vendo enquadramento, ângulo, etc., enquanto os realizadores discutiam a melhor abordagem para aquela entrevista; paralelamente, a equipa de som testava o microfone; e a equipa de produção providenciava as autorizações de imagem, cafés para diminuir o frio (a maior parte das filmagens foram feitas na rua, e os dias estavam bastante frios). Os entrevistados tinham sido previamente contactados e os horários de suas entrevistas marcados com antecedência pela equipa de produção e pesquisa de campo. Ou seja, estávamos

realizando um trabalho bem próximo do que acontece numa equipa de filmagem realmente profissional e ao perceberem este facto os alunos sentiam-se mais responsáveis e “donos” de suas funções.

A coordenadora sempre presente, no papel de alguém que estava ali para ajudar, para colaborar, tentava ter uma função como todas as outras da equipa, mas o papel da coordenadora significava para aqueles rapazes muito mais... Era um referencial, um apoio, o ponto forte, onde todas as equipas se reportavam, questionando e iam alimentar a imaginação, recarregar a inspiração.

Era notória a necessidade de orientação daqueles jovens. No segundo dia de filmagem quando as coisas corriam lindamente, os alunos já dominavam o processo de realização do vídeo, já tínhamos dado uma directriz ao conteúdo e a narrativa do filme e a dinâmica de filmagem realizava-se com muita desenvoltura, a coordenadora teve que ir receber a equipa do programa PICA da RTP2 no portão principal da escola, no lado oposto onde aconteciam as filmagens. O caos quase se instaurou entre os alunos, era como se nunca tivessem feito aquilo, não sabiam o que fazer, o que pensar, perderam uma fita de filmagem e o “fio da meada”, pareciam crianças em pânico. Mas quando a investigadora retornou, sua simples presença fez com que voltassem a sentir-se seguros e capazes. Um aluno, quando a coordenadora retornou chegou a confessar: *“Ficamos perdidos sem a presença da Raquel.”*

Entre acordos, conversas, prioridades, desejos, dúvidas e certezas, aqueles jovens foram dando forma e vida à experiência de fazer um vídeo. Um documentário pensado, realizado e protagonizado por eles. Dois dias de filmagem correram sem maiores problemas dentro do espaço escolar.

Com pouca noção de enquadramento, ângulos, “traquejos” para a montagem, imagens que deviam captar, aqueles rapazes seguiram por um caminho que não sabiam muito bem onde ía dar. O fazer em si já lhes proporcionava um enorme prazer.

Na entrevista final quando perguntamos a cada um deles o que tinham achado mais importante de tudo que havíamos trabalhado, eles responderam:

“Foi a união, o espírito de trabalho”. (Samuel)

“A maneira como falamos com as pessoas, para elas compreenderem o que a gente fala.” (Manuel)

“As opiniões que todos deram.” (Vasco)

“Sentimos responsáveis, úteis para alguma coisa. Nos ter dado importância e responsabilidade. Sentimos que tinha um papel importante no trabalho. Quando soubemos que íamos aparecer na televisão, todos deram o máximo de si.” (Jorge)

“Discutir com outras pessoas os temas, dar as minhas opiniões.”  
(António)

“Foi a cooperação e a vontade de fazer o vídeo em si.” (Cristiano)

“Foram as discussões que tivemos na sala para fazer o guião.” (Nuno)

“O fundamental é o conteúdo do vídeo, foi o mais importante.” (Júlio)

“Seleção das pessoas para fazer as entrevistas.” (Paulo)

“O espírito de grupo que foi criado para a realização do trabalho.”  
(Francisco)

“A maneira como trabalhamos em conjunto, as ideias que tivemos.”  
(Bruno)

“Unir mais a turma, antes do projecto faltávamos muito e durante o projecto não, estávamos todos juntos. Passamos muito tempo juntos, mas é na aula e não temos tempo para conversar e nos conhecermos mais.” (Pedro)

“Foi mesmo a opinião das outras pessoas, os depoimentos no vídeo.”  
(José)

De uma maneira geral todos os alunos se envolveram com o projecto, uns mais, outros menos, mas este envolvimento teve muito mais a ver com a postura de cada um deles diante a vida, o mundo, suas personalidades e experiências de vida. Em alguns alunos percebíamos que queriam dar mais de si, mas não sabiam como, não se sentiam capazes para faze-lo, enquanto outros faziam as coisas com uma grande “facilidade”. Os mais fracos e os mais fortes; os mais bem preparados e os menos preparados; os mais esclarecidos e os menos esclarecidos, tínhamos um grupo onde cada um tinha suas limitações, uns mais outros menos, uns numa área outros noutra.

Eram pessoas diferentes e com o projecto começaram a conhecer-se melhor e a exporem seus pontos de vista, ideias e características que alguns, às vezes, no convívio diário habitual da escola gostariam de esconder. Foi desenvolvido durante o processo do projecto um respeito mútuo, pelo sujeito, pelo outro, e assim tornou-se menos complicado o trabalho em equipa.

A edição do vídeo foi feita na “ilha” da Universidade Nova de Lisboa. Fizemos um esquema de modo a que os alunos da equipa de edição, som e os realizadores fossem até à Nova para editarmos o material captado. Mas estar tão fora dos seus habitats não estava nos planos daqueles jovens acostumados a ambientes normalmente “familiares” ou conhecidos. A parte mais difícil do projecto foi sem dúvida a edição, não que a edição normalmente seja uma etapa fácil, mas neste caso ela foi de todo o processo a etapa mais difícil. A primeira vez que foram à Nova, os alunos estavam constrangidos, inseguros, sentiam-se “peixes fora d’água”. E nada que fazíamos melhorava aquela situação. Os alunos foram abandonando o projecto, não respondiam mais aos e-mail, não mandavam mais mensagens... Era como se o projecto tivesse terminado no último dia de filmagem. Nas duas últimas semanas de edição só restou um aluno, que praticamente fez a edição quase toda sozinho, com a presença apenas da coordenadora. Na verdade, Rafael, durante as duas últimas semanas de edição já não queria mais ir à escola e abandonou-a definitivamente com a finalização do filme (este jovem só voltou na PM no dia da exibição do documentário).

Finalmente chegou o dia de exibirmos o vídeo, os alunos estavam pontualmente na sala de audiovisual da escola, educadamente foram chegando, nos cumprimentando e em silêncio foram ocupando seus lugares. A expectativa era geral, todos estavam ansiosos para assistirem ao filme e também para verem a reacção dos outros alunos da escola que também estariam presentes na exibição. Cartazes e convites foram espalhados pela escola para que todos estivessem presentes naquele momento tão importante, onde os alunos (pelo menos, alguns deles) da PM, no conceito mais ampliado da expressão, “iriam ter voz”.

### **Conclusões**

É de fundamental importância que o desenvolvimento de projectos esteja garantido na matriz curricular da escola, observando-se com cuidado o tempo de

duração de cada um (períodos muito longos tendem a cansar, assim como algo muito complexo cria um nível de dificuldade tão grande que acaba provocando frustração). Um projecto gera situações de aprendizagem, ao mesmo tempo reais e diversificadas. Favorece, assim, a construção da autonomia e da autodisciplina por meio de situações criadas em sala de aula para reflexão, discussão, tomada de decisão, observância de combinados e críticas em torno do trabalho em andamento, proporcionando ao aluno, ainda, a implementação do seu compromisso com o social, tornando-o sujeito do seu próprio conhecimento.

Um jovem do projecto dá um depoimento no vídeo onde diz que: *“Uma pessoa que não tem tv a cabo, um carro, gás canalizado (...), não é pessoa”*. O tratamento diferenciado que é dado ao jovem de uma determinada classe social e o que é dado ao que é de outra produz um processo de mutilação da auto-estima. Acontece uma desvalorização do sujeito, pois este sentindo que não pode corresponder aos valores implícitos socialmente, sente-se inferiorizado. Não é o factor económico que gera a violência, mas a apatia da sociedade, enquanto grupo, em relação aos problemas envolvendo esses jovens vulneráveis.

As pressões exercidas por uma imagem dominante que corresponde à ideia positiva de jovem rico, esperto e feliz, que é constantemente reforçada pelos media, faz parte da sociedade de consumo onde vivemos e cria as necessidades de posse de objectos, de *status* e de uma aparência que normalmente não corresponde à realidade. As diferenças existentes nas formas de adquirir esses bens de consumo e essa estética “juvenil” acentua a desigualdade e demanda uma recusa da subordinação da “ordem social”, gerando algumas vezes graves problemas sociais, principalmente os que envolvem drogas e violência.

Mas o processo de discussão dos media e de construção de um vídeo, no caso específico desta dissertação, marcou a consciência da posição social, dos papéis, das diferenças, não só dos jovens mas também do investigador. É muito difícil que o aluno, de um momento para o outro, comece a ter iniciativa e autonomia, sem ter tido anteriormente a oportunidade de decidir, escolher, opinar, criticar, dizer o que pensa e sente. A inserção das culturas juvenis nas discussões em sala de aula e em fóruns específicos da escola, aliada ao desenvolvimento de projectos curriculares, estará

(re)significando o espaço escolar, intensificando a reflexão e a crítica, além de promover a aprendizagem.

Todo o trabalho que envolve a reflexão, a comunicação, a educação e a participação do jovem auxilia como ferramenta para o fortalecimento da sua personalidade, estimulando qualidades, cooperação, envolvimento e consequentemente ajuda na construção da auto-estima. No caso específico deste projecto os dados mostram-nos exactamente estas conclusões. Os jovens que participaram neste trabalho sentiram-se privilegiados, especiais, desenvolveram e aumentaram capacidades que geraram um aumento da sua auto-estima, no poder de comunicação, de integração, etc.

Percebemos através desta dissertação a existência de diferentes culturas juvenis. Quando conceituamos desta maneira a cultura própria desta fase da vida que chamamos juventude, quando deixamos de lado a ideia da existência de apenas uma cultura juvenil, percebemos que plural também se torna em possibilidades para a realidade dos jovens. Com o conceito de culturas juvenis diminuimos os estereótipos e consequentemente os preconceitos, enxergamos as diversidades entre as diferentes culturas que permeiam a juventude.

Os filmes que trabalhamos e as discussões sobre os media que tivemos levou-nos a acreditar que a cultura juvenil quando pensada e mostrada no seu conceito singular causa graves problemas, equívocos e constrangimentos principalmente para o próprio jovem. Os media há muito são responsáveis por boa quantidade de equívocos mundiais. Respalhada no positivismo vem-se limitando a publicar os factos, numa tentativa inútil de se manter isenta desses mesmos factos, acreditando que se possa alcançar esse objectivo (ledo engano!).

Esta foi uma investigação desenvolvida apenas numa escola portuguesa, com um grupo bem reduzido de alunos, onde o olhar da investigadora corresponde às experiências por ela vivida. Outras experiências terão outros olhares; outros alunos, outras escolas, outras abordagens... outras conclusões. Esta pesquisa é apenas uma entre tantas outras que existem ou estão aí para serem realizadas.

Assim, quando olhamos para os jovens tivemos o cuidado de olhar e olhar novamente para o papel de uma percepção do perceber, de pensar sobre o que se diz,

o que se vê e o que se faz e de interpretar a interpretação já legitimada.

## **Bibliografia**

- ANDI. *Balas Perdidas – Um olhar sobre o comportamento da imprensa brasileira quando a criança e o adolescente estão na pauta da violência*. Relatório 2001/2002. Brasília: ANDI.
- Bernardet, Jean-Claude (2003). *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bill, MV e Athayde, Celso (2006). *Falcão: Meninos do Tráfico*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Buckingham, David e Block, Liesbeth de (2007). *Finding a global voice? Migrant children, new media and the limits of empowerment*, in Peter Dahlgren, pp. 147-163, *Young Citizens and New Media: Learning for Democratic Participation*. New York: Routledge.
- Fantin, Monica (2007). *A experiência do cinema na escola: fruição, análise e produção com crianças na perspectiva da mídia-educação. (no prelo) 5ª Sopcom, Braga*.
- Fantin, Monica (2005). *Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália*. Florianópolis: Editora Cidade Futura.
- Feilitzem, Von Cecilia e Carlsson, Ulla (orgs.) (2002). *A Criança e a Mídia: imagem, educação, participação*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO.
- Freire, Paulo (2006). *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez.
- Freire, Paulo (2006). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, Paulo e Guimarães, Sérgio (2001). *Sobre educação: diálogos*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, Paulo e Shor, Ira (2006). *Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor*. São Paulo: Paz e Terra.
- Guerra, Isabel Carvalho (2002). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Ação – O Planejamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia.
- Haguette, Teresa M. F. (1995). *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes.
- Kirby, Perpetua (2003). *Involving young people in research*, in Child and Youth Participation: Resource Guide. UNICEF.
- Pais, José Machado (2003). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Pais, José Machado (coordenação) (1999). *Traços e riscos de vida: Uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis*. Porto: AMBAR.
- Save the Children (2003). *Interviewing Children: A guide for journalists and others*. London: Save the Children.

Schroder, Kim e Drotner, Kirsten e Kline, Stephen e Murray, Catherine (2003).  
*Researching Audiences*. Londres: Arnold.